



---

ÁREA TEMÁTICA: Classes, Desigualdades e Políticas Públicas

---

A sociologia das classes sociais na investigação sociológica em Portugal

---

NUNES, Nuno

Doutorando em sociologia

ISCTE

nuno.nunes@iscte.pt e nunofilipenunes@gmail.com

---

### Resumo

A presente comunicação procura contribuir para um aprofundamento do conhecimento da campo da investigação sociológica em Portugal, tomando como referente central de desenvolvimento analítico a sociologia especializada das classes sociais. Procura-se compreender a evolução diacrónica da sociologia das classes sociais no panorama da sociologia e sistema universitário em Portugal, e analisa-se a produção científica da investigação sociológica das classes sociais realizada sobre a sociedade portuguesa, no período compreendido entre 1960 e 2007.

Palavras-chave: classes sociais; sociologia das classes sociais; investigação sociológica; sociedade portuguesa.





## I. Introdução

O tema proposto constitui uma parte integrante e significativa da história, dos processos, regularidades, especificidades e transformações da própria investigação produzida pela sociologia portuguesa. Os objectivos gerais deste artigo assumem como horizontes uma “sociologia” da investigação sociológica em Portugal, tomando como referente de análise a sociologia especializada das classes sociais, sobretudo a partir da sua produção sobre a realidade empírica portuguesa.

Num primeiro momento procura-se uma evolução diacrónica da sociologia das classes sociais no panorama da sociologia em Portugal entre 1960 e 2007. A análise histórica consubstancia-se quando a emergência da problemática das classes sociais confunde-se com a própria emergência da sociologia em Portugal. A evolução da sociologia das classes sociais é observada a partir dos seus protagonistas, e processos organizacionais e institucionais, (en)formadores do sistema universitário e do ensino e investigação da sociologia em Portugal.

Num segundo momento é lançado um olhar sobre os produtos da investigação sociológica das classes sociais, a partir duma tripla articulação: os principais conceitos e teorias de que a sociologia dispõe neste domínio trabalhados pela sociologia portuguesa; os temas, problemáticas e objectos de estudo analisados com os instrumentos teóricos e operatórios da sociologia das classes sociais e da estratificação; e os procedimentos de investigação e opções metodológicas, em especial, os que decorrem da caracterização social de populações e da utilização de indicadores de caracterização social, para um conhecimento integrado em contextos locais, nacionais ou supranacionais da sociedade portuguesa.

## II. Protagonistas e Institucionalização da Sociologia das Classes Sociais em Portugal

### 2.1. A emergência das “classes sociais” na sociologia portuguesa

Aderito Sedas Nunes, figura incontornável e perscrutora da sociologia portuguesa, constitui o ponto de partida para uma compreensão das condições iniciais de desenvolvimento da sociologia das classes sociais na investigação sociológica em Portugal. Sedas Nunes revela uma apurada intuição sociológica sobre a importância das classes sociais.

As classes sociais surgem enquanto problemática de apoio a estudos sobre o desenvolvimento da sociedade portuguesa. São disso exemplo os trabalhos de Sedas Nunes (1964), Nunes e Miranda (1969), Almeida (1970), Martins (1971), Freitas (1973), e Sousa e Freitas (1973).

Os estudos de grande envergadura sobre a sociedade portuguesa realizados no G.I.S., marcados por uma forte fundamentação epistemológica, teórica e metodológica, são um conjunto de pesquisas que utilizam a estrutura de classes como forma de melhor conhecer transversalmente as realidades sociais da época. O conceito de classe social assumia um forte carácter operativo. Tratava-se, no fundo, de tentar interpretar sociologicamente o grande processo de mudanças socioeconómicas e culturais em curso no País.

Será neste contexto que surgem os “pais fundadores” da sociologia das classes sociais em Portugal: João Ferreira de Almeida e José Madureira Pinto. Em 1976, surge o texto de Freitas, Almeida e Cabral (1976), *Modalidades de Penetração do Capitalismo na Agricultura. Estruturas Agrárias em Portugal Continental (1950-1970)*. E a partir de um grande investimento intelectual em matéria de reflexão epistemológica e metodológica no G.I.S entre 1971-1974, e que tem como corolário *A Investigação nas Ciências Sociais*, o empreendimento académico e consequentes doutoramentos de João Ferreira de Almeida e José Madureira Pinto, acabam por ser fortemente marcados pela problemática das classes sociais.



O principal contexto institucional de gestação de uma sociologia das classes sociais em Portugal será o ISCTE, “casa” de muitos dos investigadores do G.I.S., depois ICS (formado em 1981) e, portanto, herdeiro da tradição sociológica iniciada por Adérito Sedas Nunes.

## **2.2. A presença da sociologia das classes sociais no sistema universitário**

As condições políticas e institucionais para o arranque das ciências sociais a partir de 1974 no ensino superior e o surgimento gradual do curso de sociologia nas universidades portuguesas, fazem surgir naturalmente a(s) (sociologia das) classes sociais nos programas curriculares das licenciaturas.

Nascem licenciaturas em Sociologia (a primeira da era democrática surge no ISCTE, logo em 1974) e surgem centros de investigação em diferentes universidades. Em 1990/91 já havia no País oito licenciaturas, todas no sistema público de ensino, um número que, em 2003/04, subia para dezasseis, contando com cinco cursos sediados no segmento não público.

A leccionação da disciplina de “Sociologia das Classes Sociais e da Estratificação”, das licenciaturas em Sociologia do Departamento de Sociologia do ISCTE nasce logo desde o seu início. O mesmo acontece com a abertura do curso de Sociologia na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, decorria o ano lectivo de 1985/86.

Actualmente, a disciplina de classes sociais (e estratificação) está presente em dez licenciaturas em Sociologia nas seguintes instituições de ensino superior: Universidade da Beira Interior, Universidade Autónoma de Lisboa, Universidade de Évora, Universidade do Minho, Universidade Lusófona, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra e Instituto Superior das Ciências do Trabalho e da Empresa.

## **III. Epistemologia, Investigação e Teorias das Classes Sociais: Um Percurso**

### **3.1. Raízes epistemológico-metodológicas**

Uma forte presença inicial das questões epistemológicas caracterizou o trabalho desenvolvido pela sociologia das classes sociais. Esse foi também um trabalho fecundo a partir do G.I.S e das figuras centrais de João Ferreira de Almeida e José Madureira Pinto. A sociologia das classes sociais regia-se por uma constante relação intrínseca entre epistemologia e metodologia sociológica, ou seja, a necessidade de fundamentação epistemológica dos modos de investigação. Paralelamente, a sociologia das classes sociais acompanhava a evolução que a sociologia portuguesa tomava quanto às principais opções teóricas e paradigmas da sociologia.

### **3.2. Os primeiros passos... (1960-1979)**

Na fase de emergência da sociologia das classes sociais, destacam-se teoricamente os textos de Nunes e Miranda (1969), e Freitas, Almeida e Cabral (1976).

Adérito Sedas Nunes e David Miranda (1969), se bem que teoricamente situados no paradigma da estratificação social, revelam igualmente nas suas análises influências marxistas. Encontram-se referências teóricas de Poulantzas e Pierre Bourdieu e na fundamentação da estratificação social como estrutura, alude-se a Talcott Parsons.

Em *Modalidades de Penetração do Capitalismo na Agricultura. Estruturas Agrárias em Portugal Continental (1950-1970)*, os autores introduzem noções e conceitos a ter presentes ao iniciar um trabalho sobre as estruturas agrárias portuguesas. As teses em presença desdobram-se em dois temas principais: as modalidades de penetração do modo de produção capitalista na agricultura, e as classes sociais e suas fracções, presentes nos campos em Portugal.



### 3.3. Pesquisas fundadoras... (1980-1986)

Na fase marcada pelo trabalho fecundo e inovador dos “pais fundadores” da sociologia das classes sociais em Portugal este é visível em Almeida (1981 e 1986), Mozzicafredo (1981) e Madureira Pinto (1985).

Juan Mozzicafredo (1981) situa comparativamente os problemas levantados pelas teorias das classes sociais desenvolvidas por Nicos Poulantzas e E.Olin Wright, no que concerne à distinção entre trabalho produtivo e trabalho improdutivo, a significação social da distinção e o conceito de «situação social do trabalho», a articulação dos critérios políticos, económicos e ideológicos na construção das classes, e quanto às formas de reconversão analítica das teorias das classes sociais.

Madureira Pinto (1985) discute o fenómeno de proletarização ou semiproletarização dos activos agrícolas, quais os principais problemas que se põem na identificação das classes sociais envolvidas nos processos de produção agrícola, e a estrutura de classes ligada à agricultura portuguesa. Burguesia agrária, proletariado agrícola e campesinato parcial são o conjunto das grandes categorias a partir das quais parece poder analisar-se a estrutura de classes e fracções de classe ligadas à esfera de produção agrícola.

Almeida (1986) procura compactificar uma matriz teórica no que à sociologia diz respeito. São teorias auxiliares, a teoria das classes sociais e a teoria das funções do espaço rural. O autor faz uma conjugação da análise das classes e da análise da estratificação. Classes e fracções cujo comportamento depende, naturalmente, das condições de vida e de trabalho que lhes estão na origem, e para as quais, na agricultura, continua ainda a desempenhar papel de relevo a estrutura e a distribuição da propriedade fundiária. Almeida discute as propostas de Marx, Olin Wright, Thompson, Poulantzas e Pierre Bourdieu, entre vários outros autores de escolas de pensamento que partem de uma análise classista. A argumentação teórica levanta os problemas dos lugares e protagonistas, trajectos e disposições, contornos de classe e operacionalização do conceito enquanto unidade de análise.

### 3.4. Consagração da sociologia das classes sociais (1987-1999)

Para a consolidação da produção científica das classes sociais neste período serão importantes os contributos de Costa (1988,1999), Almeida, Costa e Machado (1994), Machado e Costa (1998), Guerreiro (1989, 1992 e 1996), Ana Nunes de Almeida (1986, 1992, 1993a e 1993b), e Estanque e Mendes (1998 e 1999).

Costa (1988) exercita uma discussão enriquecedora da teoria, em sentido restrito, das classes e estratificação, num diálogo constante com as próprias teorias sociológicas. A partir da análise ao conceito de exploração de Roemer, confronta as teorias marxistas das classes sociais e conclui julgar indispensável “repensar as definições clássicas e o relacionamento recíproco das problemáticas sociológicas das classes sociais e da estratificação” (1987:586).

Maria das Dores Guerreiro ao estudar as relações entre a família e a empresa no âmbito das PME em Portugal, convergiu igualmente a sua investigação para uma análise do espaço social das classes sociais. No quadro das suas preocupações analíticas esteve a identificação das famílias dos empresários em termos dos lugares de classe e das respectivas trajectórias sociais – nomeadamente no que respeita à sua situação socioeconómica, profissional e aos percursos escolar, familiar e geográfico.

A partir de um centramento da análise na relação problemática entre a sociologia das classes sociais e a sociologia da família, Ana Nunes de Almeida estudou as famílias operárias no Barreiro. O impressionante peso dos operários da indústria na população activa residente local, a importância e antiguidade que aí detinham as relações de produção capitalistas, bem como a exclusividade do salário industrial na composição do rendimento familiar, eram marcas salientes da cidade do Barreiro. Ana Nunes de Almeida superava uma visão atomista, estabilizada e imutável da classe operária, focalizando o olhar analítico nas relações familiares operárias e a sua relação com a fábrica, constrangidas pelo contexto da produção material e da estrutura social, e simultaneamente geradoras e reconfiguradoras de estratégias familiares próprias.



Em Almeida, Costa e Machado (1994) e Machado e Costa (1998), os autores procuram caracterizar as principais continuidades e mutações ocorridas na estrutura social portuguesa entre 1960 e 1990, bem como o modo como os processos de recomposição socioprofissional verificados implicaram causas e consequências na estrutura de classes e mobilidade social da sociedade portuguesa.

Estanque e Mendes (1998), seguindo uma orientação neomarxista, fazem uma aplicação do modelo teórico de Erik Olin Wright, ou seja, a partir da matriz geral da localização de doze lugares de classe. Este projecto de investigação, do ponto de vista teórico, segue premissas que passam por tentar weberianizar o marxismo e levanta a questão do macro e do micro na análise das classes. Os principais conceitos em causa no estudo são: exploração, estrutura de classes, localização de classe, formações de classe, práticas de classe, luta de classes, e consciência de classe.

Em Costa (1999), a sociedade de bairro alfamista e as formas de identidade cultural que nela se geram são analisáveis em termos de três dimensões: cultura, classe e interação. O modelo de análise da investigação envolve, no essencial, a articulação de três conceitos: padrões culturais, classes sociais e quadros de interação. Neste trabalho, o autor recensa as características mais interessantes da actual sociologia das classes sociais: o carácter mediador e focalização nos protagonistas sociais; a multidimensionalidade e concepção estrutural; a perspectiva relacional e praxiológica; a orientação teórico-empírica e pressupostos conceptuais renovados; a integração de perspectivas e do campo analítico; a actualidade; e a transversalidade dos principais indicadores.

### **3.5. Internacionalização e desafios actuais (2000-Actualidade)**

Esta nova fase da sociologia das classes sociais incorpora sobretudo as investigações de Costa, Mauritti, Martins, Machado e Almeida (2000), Estanque (2000), Casanova (2004), Pereira (2005) e Almeida, Machado e Costa (2007).

O actual contexto de globalização coloca novas questões à análise das relações de classe. Clarificando o posicionamento teórico e as possibilidades operatórias da actual sociologia das classes sociais e da estratificação, o artigo "Classes Sociais na Europa" (2000) procura proceder a um exame comparativo, no âmbito da União Europeia, de um conjunto seleccionado de indicadores de recomposição social, tendo como principal eixo de análise, o confronto entre parâmetros nacionais e globais de estruturação das relações de classe. Trata-se de uma investigação que procura integrar novos contributos para as teorias das classes sociais de autores como Bourdieu, Marshall, Eder, Erikson e Goldthorpe, Esping-Andersen, Wright, Milner, Lee ou John Scott.

Em Estanque (2000), *Entre a Fábrica e a Comunidade. Subjectividade e Práticas de Classe no Operariado de Calçado*, o autor trabalha os conceitos de identidade e subjectividade na análise das classes. Ou seja, de que modo na formação da classe operária intervêm os processos comunitários e identitários. Articulado estrutura de classes, industrialização e identidades culturais em mudança, Elísio Estanque contribui para os modos de relação entre lazer, classes sociais, processos produtivos e acção colectiva.

Casanova (2004) constrói um modelo para analisar naturezas sociais, ou seja, orientações naturalizadas nos indivíduos. Esse modelo assenta numa crítica e num desenvolvimento do conceito de *habitus* de Pierre Bourdieu. É proposto o conceito de orientações sociais, que se naturalizam em condições sociais de vida, demarcadas por diferenças de escolaridade e de categorias socioprofissionais. As orientações sociais são constituintes de valores, representações e práticas sociais, que envolvem graus diversos de reflexividade social e de exercício da cidadania política.

Virgílio Borges Pereira (2005) desenvolve a construção de um percurso teórico e prático de investigação no domínio das relações estabelecidas entre o espaço das classes sociais e o espaço dos relacionamentos quotidianos que os agentes sociais desenham nos diferentes campos do social. A estrutura do espaço social português possui uma configuração profundamente diferenciada e amplamente hierarquizada, o que abre terreno analítico para dinamizar plenamente o conceito de *campo das classes*



*sociais*. Virgílio Borges Pereira ensaia uma estratégia analítica que procura integrar o conhecimento sobre as principais dinâmicas de estruturação do espaço social das classes e dos estilos de vida, com os locais e domínios mais aproximados da formação do quotidiano das classes sociais.

Almeida, Machado, e Costa (2007) reflectem problemáticamente nas relações entre estruturas de classes e padrões de valores, aos níveis nacional e transnacional. A análise das classes à escala europeia, ao nível dos valores percentuais das diferentes classes sociais em cada estrutura de classes nacional, permite sublinhar as semelhanças e diferenças sociais, culturais, económicas e territoriais no espaço europeu. Neste texto, a análise das classes sociais também permitiu o tratamento de dados habitualmente tratados no quadro da sociologia política, valorizando uma aproximação substantiva entre pertenças de classe, orientações ideológico-políticas e práticas eleitorais.

#### **IV. Temas e Desenvolvimento de Problemáticas**

##### **4.1. Estruturas de Classes, Mobilidade Social e Análises Transversais sobre a Sociedade Portuguesa**

A fase de emergência da sociologia das classes sociais em Portugal é rica em análises transversais sobre a sociedade portuguesa. Sedas Nunes (1964) e a tese da sociedade dualista em evolução, Nunes e Miranda (1969), Martins (1971), Freitas (1973) e a sua tese da polarização das relações sociais em Portugal, e Freitas, Almeida e Cabral (1976) relacionando capitalismo, classes sociais e estruturas agrárias, procuram, de uma forma ou de outra, interpretar a sociedade portuguesa da época tomando como referência problemática indispensável as classes sociais.

As transformações e evoluções na sociedade portuguesa foram sendo igualmente acompanhadas por uma sociologia das classes sociais. Como salientam Almeida, Costa e Machado (1994) e Machado e Costa (1998), factores estruturais como a evolução demográfica da população portuguesa, com o envelhecimento da população, redução da natalidade e fecundidade, o reforço da litoralização e urbanização, com consequentes desigualdades regionais associadas, os fluxos migratórios externos que marcaram de forma permanente a sociedade portuguesa, a composição social dos sectores de actividade, com o recuo significativo da agricultura, estabilização decrescente da indústria e crescente emprego no sector dos serviços (terciarização), a rápida progressão da participação feminina na actividade profissional, e a evolução dos níveis de escolaridade, provocaram profundas implicações na recomposição das classes sociais e nos processos de mobilidade social da sociedade portuguesa.

A questão da mobilidade social foi tema de investigação de Almeida, Costa e Machado (1994), Magalhães (1994), Costa e Machado (1998), Cabral (1998), Estanque e Mendes (1997 e 1999) e Queiroz (2005). Nestes autores, são debatidos os processos de mobilidade intergeracional e intrageracional (ascendente e descendente), as trajectórias de classe, relações inter e intra-classistas, as atitudes de classe, os impactos da mobilidade social, as permeabilidades das fronteiras de classe, e as grandes tendências de evolução da estrutura de classes em Portugal.

Como apontam as análises de Almeida, Costa e Machado (1994) e Costa e Machado (1998), no que se refere aos padrões e tendências da mobilidade social na sociedade portuguesa, as últimas décadas foram de grande transformação estrutural. Uma parte dos fluxos que se poderiam considerar ascendentes correspondem, de facto, a mobilidade estrutural e é o próprio movimento global da estrutura social que gera fluxos de mobilidade social entre categorias socioprofissionais estruturalmente em declínio. Verificaram-se trajectos de ascensão social muito significativos, que transportam os seus protagonistas, no tempo de uma geração, dos lugares mais baixos para os mais altos na estrutura social. A generalização da frequência do sistema de ensino foi uma das transformações estruturais mais marcantes das últimas décadas na sociedade portuguesa, valendo a pena estabelecer a relação mais geral e directa entre escolarização e mobilidade social, como se verifica no caso dos profissionais técnicos e de enquadramento.





#### 4.2. Classes Sociais, Família e Género

A sociologia da família portuguesa consolidou uma longa tradição de estudos relacionados com as classes sociais. Esta complementaridade analítica constata-se no trabalho realizado CIES-ISCTE e Instituto de Ciências Sociais (ICS), da qual fazem parte, principalmente, Ana Nunes de Almeida, Maria das Dores Guerreiro, Karin Wall, Cristina Lobo e Anália Torres. As classes sociais inserem-se nos processos estruturais das mudanças familiares, ou no que diz respeito à relação entre famílias e meios sociais.

Como concluem Almeida, Guerreiro, Lobo, Torres e Wall, “vários trabalhos de sociologia da família portuguesa realizados nos últimos 20 anos dão grande atenção às relações entre famílias e meios sociais, entre estratégias familiares e contexto social de pertença do grupo doméstico. As pesquisas centram-se no estudo das famílias camponesas, das famílias operárias, das famílias de pequenos empresários e das famílias urbanas de meios populares e desfavorecidos, procurando perceber as diversas articulações da vida familiar com a esfera da produção económica, os papéis masculinos e femininos e as formas de poder no seio dos grupos domésticos, as interações familiares e respectivas mutações temporais, as estratégias familiares, as relações parentais e os modos de socialização dos filhos. Estes estudos têm contribuído para um conhecimento mais aprofundado da estrutura de classes existente em Portugal e, ao mesmo tempo, evidenciado a diversidade de situações familiares, nas formas e estruturas, nas posições e estratégias, nas práticas e interações, nos trajectos e destinos sociais, decorrentes dos diferentes meios sociais e lugares de classe em que os grupos domésticos se situam (1998:75).

#### 4.3. Classes Sociais, Educação, Juventude e Literacia

A progressiva abertura social do sistema universitário, iniciada a seguir a Abril de 74, é reveladora das dinâmicas de recomposição política, económica, social e cultural que caracterizam Portugal nas últimas décadas. Mas as classes e fracções de classe com maiores recursos continuam a ter muito mais hipóteses de colocar os filhos na universidade. Verifica-se a clara predominância dos sectores de classe mais dotados de capitais económicos, culturais, e escolares. Entre as classes sociais menos providas de recursos, são os filhos de empregados executantes os que mais chegam à universidade, mais do que os filhos de operários.

Pais (1993) convida-nos a encarar as culturas juvenis como culturas de classe, apesar de que essas culturas também comportam evidentes signos juvenis de carácter geracional. A convivialidade juvenil e os próprios grupos de amigos encontram-se estreitamente dependentes de mecanismos classistas de regulação e socialização familiares. As modalidades de entrada na vida adulta também variam em função das classes sociais. Os processos de transição para a vida adulta encontram-se dependentes, principalmente, do meio social, pertença de classe e sexo.

Aos fracos níveis da literacia em Portugal, estão associados factores históricos e estruturais de funcionamento da própria sociedade, estreitamente relacionados com a própria estrutura das classes sociais. O tecido económico e produtivo em Portugal assenta ainda, de forma largamente predominante, em lugares profissionais de baixa qualificação. Os contextos de trabalho são desqualificados e desqualificantes. Meios familiares de origem carenciados de habilitações literárias, modos de vida quotidiana pobres em práticas de literacia, e insuficiente expansão do sistema de ensino, são razões que convergem na produção dos fracos níveis de literacia encontrados na sociedade portuguesa.

#### 4.4. Classes, Trabalho e Identidades Sociais

O texto de Fernando Luís Machado, Patrícia Ávila e António Firmino da Costa (1995), *Origens Sociais e Estratificação dos Cientistas*, constitui uma tentativa de analisar um determinado grupo profissional (ou científico) utilizando as ferramentas das classes sociais. As origens de classe e composição social dos cientistas, cruzando com outras variáveis, permitiu chegar a conclusões quanto a uma estratificação social do campo científico. Tal como acontece noutras categorias sociais de posição elevada na hierarquia social, o recrutamento dos cientistas obedece a uma lógica de selectividade, em que as oportunidades de acesso a partir das várias classes e fracções de classe são francamente desiguais.





Elísio Estanque (1994, 2000, 2005), situa as mudanças no mundo laboral num contexto de globalização da economia e das alterações por estas provocadas na recomposição das classes. As mudanças globais em curso promovem novos segmentos e polarizações de classe, provocando fragmentação social, novas desigualdades e precariedade.

Os artigos de José Madureira Pinto e Maria Cidália Queiroz (1990, 1996, 1999 e 2003), ancoram, fundamentalmente, na investigação de longa duração levada a cabo sobre os trabalhadores da construção cívica no Nordeste de Portugal. A partir duma matriz teórica disciplinar de partida onde as classes sociais e as práticas simbólico-ideológicas assumem centralidade, são exploradas as conexões entre as características objectivas que definem a localização de classe e os diversos tipos de estruturas subjectivas e modelos culturais dos agentes que os ocupam, funcionando como «variáveis intermédias», o papel do mercado de trabalho na diversificação das condições de trabalho e dos laços contratuais, e o impacto dos contextos de trabalho sobre o plano da socialização e das respostas identitárias.

#### **4.5. Classes Sociais, Pobreza e Exclusão Social**

Esta é também uma problemática que teve a sua origem na “equipa” de sociologia das classes sociais do ISCTE. A persistência de situações de «velha pobreza» e o surgimento de fenómenos de «nova pobreza» e exclusão social, a par dos processos de modernização nas sociedades contemporâneas, levanta questões que vão desde o Estado-Providência e elaboração de políticas sociais, até às dinâmicas do desenvolvimento. Estes são fenómenos que atingem uma dimensão socioeconómica, e que obrigam a uma análise dos contextos de existência, das categorias sociais em presença, e dos modos de vida dos grupos pobres e excluídos.

#### **4.6. Classes Sociais e Etnicidade**

Para Fernando Luís Machado (1992 e 2002), a etnicidade, num espaço de contrastes sociais e culturais, chama a atenção para os processos de integração social, e para as múltiplas dimensões sociais, culturais e políticas que constituem os trajectos das comunidades imigrantes na sociedade portuguesa. Como refere o próprio autor: “A melhor compreensão do posicionamento dos migrantes do lado social da etnicidade, particularmente na dimensão fundamental que é a das localizações socioprofissionais, não dispensa, em todo o caso, a perspectiva integrada que a análise da composição de classe pode proporcionar” (Machado,2002:192). As dimensões sociais e culturais da etnicidade entrecruzam-se com uma análise de classes onde as origens sociais dos imigrantes não se traduzem necessariamente em trajectos de integração similares.

#### **4.7. Classes Sociais e Culturas de Classe**

As classes sociais também se inter-relacionam (mutuamente) com valores, representações sociais e práticas culturais e sociais. João Ferreira de Almeida (1984, 1986, 1990, 1994 e 1995) inaugura esta linha de investigação da sociologia das classes sociais, ao problematizar sobre as classes sociais, as assimetrias de poder e atitudes políticas no espaço compositivo, como o resultado das alterações graduais verificadas a partir de 1974, e transponíveis nos novos ocupantes de lugares de poder e na recomposição da estrutura de classes local.

Augusto Santos Silva (1994), tomando a cultura popular como estudo interpretativo, não parte da modelização habitual que tinha influenciado a teoria das classes sociais, mas sim de quatro dimensões que utiliza para identificar as classes populares: são populares os grupos penalizados pela estrutura da distribuição dos recursos e poderes prevalectante numa sociedade e num tempo determinados; a insistência nos procedimentos teóricos de contextualização, e não nos modelos de pura determinação axiomática da estrutura de classes; a exploração da formação sociocultural das classes, ou seja, as organizações concretas de classe como objecto de investigação; e finalmente, a dimensão histórica, sobretudo, quanto às formas e conteúdos da memória social.



Costa (1999), em *Sociedade de Bairro*, introduz, numa actualizada sociologia das classes sociais, as mediações sociais existentes entre acção colectiva e classes sociais, concretamente, num meio popular urbano marcado por um tecido social inigualitário e por uma distinta identidade cultural. Essas mediações sociais, observadas no processo de reabilitação urbana de Alfama, concretizaram-se nos processos (e protagonismos) institucionais, políticos, associativos e de interacção social local verificados num determinado espaço social.

Pereira (2005) traça no espaço social da cidade do Porto as principais características sociais e culturais das classes sociais e dimensões mais estruturantes das respectivas culturas de classe. “O alargamento da análise aos domínios religioso, político, ou ainda das representações em torno das representações em torno do território, da escola, do trabalho e da mudança social permitiu, num quadro mais autonomizado, continuar a documentar relações muito significativas entre as lógicas simbólicas e ideológicas alternativas inevitavelmente referenciadas e conjuntos densos de propriedades sociais em que as componentes classistas, entre outras, detinham grande relevo” (Pereira,2005:478).

## **V. Opções Metodológicas, Operacionalização e Contextos de Pesquisa**

### **5.1. Diversidade metodológica, instrumentos e processos de operacionalização**

A sociologia das classes sociais em Portugal tem conjugado metodologias extensivas e metodologias intensivas, quantitativas e qualitativas. Se as análises extensivas são mais profícuas para a análise da estrutura de classes da sociedade portuguesa, as análises intensivas revelam mais localmente as intrincadas relações entre as classes sociais e outras variáveis sociais relevantes. Ou então as pesquisas podem ser simultaneamente extensivas e monográficas, como é o caso do estudo da literacia (Benavente, Costa, Ávila, 1996) ou dos guineenses em Portugal (Machado,2002).

Uma questão fundamental tem a ver com o problema da operacionalização das classes sociais. Na sociologia das classes sociais tem-se procedido à construção de escalas de estratificação social e tipologias de estruturas de classes sociais. Estas permitem análises estruturais e diacrónicas quanto a espaços sociais, mobilidade social, ou a tendências de mudança social. Nas análises de classificações sociais, são possíveis atribuições de status sociais, mapas cognitivos de classes sociais, trajectos e biografias sociais. São ainda utilizados indicadores socioprofissionais, indicadores socioeducacionais e indicadores de desenvolvimento.

Na sociologia portuguesa, a operacionalização do conceito de classe e construção de uma tipologia de lugares de classe, inicia-se com o modelo proposto por Almeida (1986), que é depois desenvolvido pela “tipologia ACM” ( da autoria de Almeida, Costa e Machado), que utiliza o indicador socioprofissional (profissão e situação na profissão) para a construção de uma estrutura das classes sociais em Portugal.

### **5.2. Classes e estratificação em contextos locais**

Os objectos da sociologia das classes sociais vão desde os níveis transnacional, nacional e regional até aos estudos de caso locais. A preocupação em multiplicar comparações sobre o comportamento das variáveis estudadas *em espaços de referência diversificados* – assinalando, desse modo, tendências locais, regionais, nacionais e internacionais - procurando atenuar as limitações associadas a uma recolha de informação pragmaticamente centrada nas unidades administrativas convencionais - , tem permitido a contextualização social e articulação dos níveis de análise, condição necessária para um desenvolvimento da problemática das classes sociais.

As pesquisas de Costa (1999) no bairro de Alfama; Pinto (1985) e Almeida (1986) na Freguesia de Fonte Arcada; Benavente, Costa, Machado e Neves (1987 e 1992) no bairro da Ajuda em Lisboa; Ana Nunes de Almeida (1993) no Barreiro; Manuel Carlos Silva (1998) nas aldeias de Lindoso e Aguiar; Elísio Estanque (2000) em São João da Madeira e com observação participante numa fábrica da região; e Virgílio



Borges Pereira (2005) na cidade do Porto, constituem exemplos de aplicação empírica da problemática das classes sociais em espaços sociais locais.

Como afirma João Ferreira de Almeida, “muito do que acontece ao nível local encontra linhas decisivas de explicação numa dialéctica que ultrapassa esse nível, mostrando assim, simultaneamente, a inadequação de um apressado fechamento do campo analítico cantonando o objecto a rígidas fronteiras” (1986:22).

### **5.3. Classes e estratificação em contextos regionais e nacionais**

Adérito Sedas Nunes (1964 e 1969) é pioneiro na construção de indicadores de caracterização social, à data praticamente inexistentes, como os indicadores de níveis de vida, a dominância de população urbana e rural, a densidade do “escol cultural” nos distritos, meios de comunicação, naturalidade dos estudantes universitários, a população activa por classes sociais (superior, média e inferior), ou indicadores objectivos de status social, entre outros.

Os estudos do geógrafo João Ferrão (1982 e 1985) tomam como objectivo acompanhar as recomposições sociais e estruturas regionais de classe entre 1960-1970 e 1970-1981. A evolução da estrutura social portuguesa permite evidenciar diversas linhas de análise, como o declínio das classes e fracções de classes relacionadas com a agricultura, a estagnação relativa do sector industrial, a terciarização, e, em termos territoriais, a urbanização e litoralização.

O estudo das classes e estratificação em contexto nacional, é igualmente constatável nas obras de Dulce Maria Magalhães (1994), Almeida (1994), Benavente, Rosa, Costa e Ávila (1996), Villaverde Cabral (1998), Elísio Estanque e José Manuel Mendes (1997 e 1999) e Maria Cidália Queiroz (2005).

São construídos dados quantitativos para análises da estrutura de classes e estratificação social da sociedade portuguesa, indicadores de composição social cruzados com outras variáveis de caracterização social, elementos relativos à compreensão dos processos de mobilidade social e análises regionais de classe.

### **5.4. Classes e estratificação em contextos supranacionais e internacionalização da sociologia portuguesa**

A internacionalização da produção dos saberes no domínio das ciências sociais em Portugal, é um processo em aceleração constante nas duas últimas décadas. A internacionalização dos objectos (comparabilidade europeia) e análises transnacionais colocam novos e aliciantes desafios à sociologia portuguesa.

A participação da sociologia portuguesa em projectos internacionais, como o “European Values Studies” ou o “European Social Survey”, permite, pela comparação e/ou análise longitudinal, ultrapassar a escala nacional na investigação sociológica em Portugal. Desta forma, a sociologia das classes sociais poderá observar as mudanças estruturais e os processos de recomposição social ao nível das classes sociais, comparar países ao nível das suas estruturas de classes, e construir estruturas internacionais de classes sociais. Ao serem analisadas as estruturas sociais, compreendem-se os perfis sociais e os valores, como a família, o trabalho, a política, ou a acção colectiva.

Constituem obras exemplares da forma como a sociologia das classes sociais portuguesa é aplicada em contextos supranacionais, e ao mesmo tempo se integra internacionalmente, as análises de Costa, Mauritti, Martins, Machado e Almeida (2000), em *Classes Sociais na Europa*; Cabral, Vala e Freire (orgs.) (2003), *Desigualdades Sociais e Percepções de Justiça*; e Jorge Vala e Anália Torres (orgs.) (2006), *Contextos e Atitudes Sociais na Europa*.

Como afirma José Madureira Pinto: “Numa altura em que as técnicas de tratamento de informação, apoiadas em sofisticado *software*, põem ao alcance dos cientistas sociais possibilidades de aprofundamento



analítico verdadeiramente inéditas, esta forte consciência metodológica tem mostrado que, se se quiser aperfeiçoar a qualidade da investigação e da prática profissional em sociologia, há um investimento fundamental a fazer na discreta e relativamente desvalorizada esfera da recolha de informação. A concretizarem-se, como parece possível, avanços significativos nesta última direcção, ficaria ao alcance da sociologia portuguesa a obtenção de «vantagens científicas comparativas» susceptíveis de granjear reconhecimento e de se repercutir positivamente nos sectores da comunidade internacional das Ciências Sociais em que, cada vez mais, os sociólogos portugueses se movimentam” (2007:88).

## BIBLIOGRAFIA

Almeida, Ana Nunes (1986), “A fábrica e a família – para uma sociologia das famílias operárias”, *Análise Social*, 22 (91), pp. 279-312.

Almeida, Ana Nunes (1992), “Meio social, família e classe operárias”, *Sociologia, Problemas e Práticas*, Lisboa, nº11, pp.27-41.

Almeida, Ana Nunes (1993a), “Mulheres e famílias operárias : a esposa doméstica”, *Análise Social*, Lisboa, nº 120, pp. 105-132.

Almeida, Ana Nunes (1993b), *A Fábrica e a Família: Famílias Operárias no Barreiro*, Barreiro, Câmara Municipal do Barreiro.

Almeida, Ana Nunes, Maria das Dores Guerreiro, Cristina Lobo, Anália Torres e Karin Wall (1998), “Relações familiares: mudança e diversidade”, em José Manuel Leite Viegas e António Firmino da Costa (orgs.), *Portugal, que Modernidade?*, Oeiras, Celta.

Almeida, João Ferreira de (1981), “Alguns problemas de teoria das classes sociais”, *Análise Social*, Lisboa, nº 66.

Almeida, João Ferreira de (1984), “Classes sociais, votos e poder: um espaço camponês”, *Análise Social*, Lisboa, nº 84, pp.583-619.

Almeida, João Ferreira de (1986), *Classes Sociais nos Campos. Camponeses Parciais Numa Região do Noroeste*, Oeiras, Celta Editora.

Almeida, João Ferreira, António Firmino da Costa e Fernando Luís Machado (1988), “Famílias, estudantes e universidade: painéis de observação sociográfica”, *Sociologia Problemas e Práticas*, Lisboa, Nº 4, pp.11-44.

Almeida, João Ferreira, Costa, António Firmino da Costa e Fernando Luís Machado (1994), “Recomposição Socioprofissional e novos protagonismos”, in Reis, António (coord.), *Portugal, 20 anos de Democracia*, Lisboa, Círculo de Leitores.

Almeida, João Ferreira de, Luís Capucha, António Firmino da Costa, Fernando Luís Machado, Isabel Nicolau, e Elisabeth Reis (1994), *Exclusão Social. Factores e Tipos de Pobreza em Portugal*, Oeiras, Celta Editora.

Almeida, João Ferreira *et al.* (2003), *Diversidade na Universidade: Um Inquérito aos Estudantes de Licenciatura*, Oeiras, Celta Editora.

Almeida, João Ferreira de, Fernando Luís Machado, e António Firmino da Costa (2007), “Classes sociais e valores em contexto europeu”, in Vala, Jorge e Anália Torres (orgs.), *Contextos e Atitudes Sociais na Europa*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, pp. 69-96.

Benavente, Ana, Alexandre Rosa, António Firmino da Costa e Patrícia Ávila (1996), *A Literacia em Portugal. Resultados de uma Pesquisa Extensiva e Monográfica*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian e Conselho Nacional de Educação.



- Benavente, Ana, António Firmino da Costa, Fernando Luís Machado, e Manuela Castro Neves (1992), *Do Outro Lado da Escola*, Lisboa, Editorial Teorema.
- Cabral, Manuel Villaverde (1998), "Mobilidade social e atitudes de classe em Portugal", *Análise Social*, Lisboa, nº 146-147, pp.381-414.
- Cabral, Manuel Villaverde, Jorge Vala e André Freire (orgs.) (2003), *Desigualdades Sociais e Percepções de Justiça*, Lisboa, Imprensa Ciências Sociais.
- Capucha, Luís (2005), *Desafios da Pobreza*, Oeiras, Celta Editora.
- Casanova, José Luís (1993), *Estudantes Universitários: Composição Social, Valores e Representações*, Cadernos de Juventude, Lisboa, nº 5, Instituto de Ciências Sociais e Instituto da Juventude.
- Casanova, José Luís (2004), *Naturezas Sociais. Diversidade e Orientações Sociais na Sociedade Portuguesa*, Oeiras, Celta Editora.
- Costa, António Firmino (1987), "Novos contributos para velhas questões da teoria das classes sociais", *Análise Social*, Lisboa, nº 89, pp.635-686.
- Costa, António Firmino (1999), *Sociedade de Bairro: Dinâmicas Sociais de Identidade Cultural*, Oeiras, Celta.
- Costa, António Firmino et al. (1984), *Artes de Ser e de Fazer no Quotidiano Operário*, Lisboa, ISCTE.
- Costa, António Firmino e Fernando Luís Machado (1987), "Meios populares e escola primária", *Sociologia Problemas e Práticas*, Lisboa, Nº 2, pp.69-89.
- Costa, António Firmino, Fernando Luís Machado, João Ferreira de Almeida (1990), "Estudantes e amigos: trajectórias de classe e redes de sociabilidade", *Análise Social*, Lisboa, Vol. XXV (105-106), pp.193-221.
- Costa, António Firmino e José Luís Casanova (1996), "Classes sociais (bibliografia)", *Sociologia Problemas e Práticas*, Lisboa, Nº19, pp.191-195.
- Costa, António Firmino, Rosário Mauritti, Suzana da Cruz Martins, Fernando Luís Machado e João Ferreira de Almeida (2000), "Classes Sociais na Europa", *Sociologia, Problemas e Práticas*, Lisboa, nº34, pp.9-43.
- Cruzeiro, Maria Eduarda e M.L. Marinho Antunes (1978), "Ensino secundário: duas populações, duas escolas (I)", *Análise Social*, Lisboa, nº 55, pp.443-502.
- Estanque, Elísio (1994), "Trabalho, lazer e classes sociais", in AAVV, *Dinâmicas Culturais, Cidadania e Desenvolvimento Local* (Actas do Encontro de Vila do Conde), Lisboa, Associação Portuguesa de Sociologia, pp.357-378.
- Estanque, Elísio (2000), *Entre a Fábrica e a Comunidade. Subjectividade e Práticas de Classe no Operariado de Calçado*, Porto, Afrontamento.
- Estanque, Elísio (2004), "Class and Social Inequalities in Portugal: From class structure to working-class practices on the shop floor" in Devine, Fiona and Waters, Mary (eds.), *Social Inequality in Comparative Perspective*. Oxford/Malden-MA: Blackwell Publishers, pp. 141-162.
- Estanque, Elísio (2005), "Trabalho, desigualdades sociais e sindicalismo", *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Nº71, pp.113-140.
- Estanque, Elísio e Mendes, José Manuel (1998), *Classes e Desigualdades Sociais em Portugal. Um estudo Comparativo*, Porto, Afrontamento.
- Estanque, Elísio e José Manuel Mendes (1999), "Análise de classes e mobilidade social em Portugal: um breve balanço crítico", *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº 52 / 53, pp.173-198.





Ferrão, João (1985), "Recomposição social e estruturas regionais de classes (1970-81)", *Análise Social*, Lisboa, nº 87-88-89, pp.565-604.

Ferreira, Nuno Estêvão (2006), *A Sociologia em Portugal: da Igreja à Universidade*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais.

Freitas, Eduardo de (1973), "Polarização das relações sociais em Portugal: 1930-1970", *Análise Social*, Lisboa, nº 39, pp.494-507.

Freitas, Eduardo de, João Ferreira de Almeida, e Manuel Villaverde Cabral (1976), "Capitalismo e classes sociais nos campos em Portugal", *Análise Social*, Lisboa, vol. XII (45), pp. 41-63.

Guerra, J.P. Miller e Adérito Sedas Nunes (1969), "A crise da Universidade em Portugal: reflexões e sugestões", *Análise Social*, Lisboa, 7 (25/26), pp.5-49.

Guerreiro, Maria das Dores (1992), "Famílias de empresários e trajectórias sociais", *Sociologia, Problemas e Práticas*, Lisboa, nº11, pp.63-77

Guerreiro, Maria das Dores (1996), *Famílias na Actividade Empresarial. Empresas Familiares em Portugal*, Oeiras, Celta Editora.

Lima, Pedro, António Pedro das Dores, e António Firmino da Costa (1991), "Classificações de profissões nos Censos 91", *Sociologia, Problemas e Práticas*, Lisboa, nº10, pp.43-66.

Machado, Fernando Luís (1992), "Etnicidade em Portugal: contrastes e politização", *Sociologia, Problemas e Práticas*, Lisboa, nº12, pp.123-136.

Machado, Fernando Luís (2002), *Contrastes e Continuidades: Migrações, Etnicidade e Integração dos Guineenses em Portugal*, Oeiras, Celta Editora.

Machado, Fernando Luís, Costa, António Firmino da Costa, e João Ferreira de Almeida (1989), "Identidades e orientações dos estudantes: classes, convergências, especificidades", *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Coimbra, nº 27/28, pp.189-209.

Machado, Fernando Luís e António Firmino da Costa (1998), "Processos de uma modernidade inacabada: mudanças estruturais e mobilidade social", em José Manuel Leite Viegas e António Firmino da Costa (orgs.), *Portugal, que Modernidade?*, Oeiras, Celta Editora, pp.17-44.

Machado, Fernando Luís, Patrícia Ávila, e António Firmino da Costa (1995), "Origens sociais e estratificação dos cientistas", in Jesuíno, Jorge Correia (coord.) et al., *A Comunidade Científica Portuguesa nos Finais do Século XX*, Oeiras, Celta Editora, pp.109-133.

Machado, Fernando Luís, António Firmino da Costa, Rosário Mauritti, Suzana da Cruz Martins, José Luís Casanova e João Ferreira de Almeida (2003), "Classes sociais e estudantes universitários: origens, oportunidades e orientações", *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Coimbra, Nº 66, pp.45-80.

Magalhães, Dulce Maria (1994), "Classes sociais e trajectórias intergeracionais", *Sociologia*, I Série, vol. IV, pp.173-217.

Martins, Hermínio (1998, 1971), "Classe, status e poder em Portugal", em *Classes, Status e Poder*, Lisboa, Instituto Ciências Sociais.

Mozzicafreddo, Juan (1981), "Sobre a teoria das classes sociais: as contribuições de Erik Ollin Wright e de Nico Poulantzas", *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº 6.

Nunes, Adérito Sedas (1964), "Portugal, sociedade dualista em evolução", *Análise Social*, Lisboa, Nº 7 / 8, pp.407-462.

Nunes, Adérito Sedas (1968a), "A população universitária portuguesa: uma análise preliminar", *Análise Social*, Lisboa, 6 (22/23/24), pp. 295-385.



- Nunes, Adérito Sedas (1968b), "O sistema universitário em Portugal: alguns mecanismos, efeitos e perspectivas do seu funcionamento", *Análise Social*, Lisboa, 6 (22/23/24), pp. 386-474.
- Nunes, Adérito Sedas (1970), "A Universidade no sistema social português – Uma primeira abordagem", *Análise Social*, Lisboa, Ano 8 (32), pp. 646-707.
- Nunes, Adérito Sedas (1988), "Histórias, uma história e a História – sobre a origem das modernas ciências sociais em Portugal", *Análise Social*, Lisboa, Nº100, pp. 11-55.
- Nunes, Adérito Sedas e David Miranda (1969), "A composição social da população portuguesa: alguns aspectos e implicações", *Análise Social*, Lisboa, Nº 27 / 28, pp.333-381.
- Pais, José Machado (1993), *Culturas Juvenis*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- Pereira, Virgílio Borges (2005), *Modalidades de Estilização de Vida na Cidade do Porto: Classes e Culturas de Classe das Famílias Portuenses*, Porto, Afrontamento.
- Pinto, José Madureira (1981), "Solidariedade de vizinhança e oposições de classe em colectividades rurais", *Análise Social*, Lisboa, Nº 66, pp.199-229.
- Pinto, José Madureira (1985), *Estruturas Sociais e Práticas Simbólico-Ideológicas nos Campos: Elementos de Teoria e de Pesquisa Empírica*, Porto, Afrontamento.
- Pinto, José Madureira (2000), "Flexibilidade, segurança e identidades sócio-profissionais", *Cadernos de Ciências Sociais*, 19/20, pp.15-37.
- Pinto, José Madureira (2007), *Indagação Científica, Aprendizagens Escolares, Reflexividade Social*, Porto, Edições Afrontamento.
- Pinto, José Madureira e Maria Cidália Queiroz (1990), "Lugares de classes e contextos de aprendizagem social", *Cadernos de Ciências Sociais*, Nº 8 / 9, pp.131-143.
- Pinto, José Madureira e Maria Cidália Queiroz (1996), "Flexibilização da produção, mobilidade da mão-de-obra e processos identitários na construção civil", *Sociologia, Problemas e Práticas*, nº19.
- Queiroz, Maria Cidália (2003), "Precarização do emprego e integração profissional numa região de industrialização difusa: o caso dos operários da construção civil do Nordeste de Portugal", *Sociologia*, 12.
- Queiroz, Maria Cidália (2005), *Classes, Identidades e Transformações Sociais*, Porto, Campo das Letras.
- Silva, A. Santos (1994) *Tempos Cruzados. Um estudo interpretativo da Cultura Popular*, Porto, Afrontamento.
- Silva, Manuel Carlos (1998), *Resistir e Adaptar-se – Constrangimentos e Estratégias Camponesas no Noroeste de Portugal*, Porto, Edições Afrontamento.
- Sousa, A.Teixeira, e Eduardo de Freitas (1973), "Subsídios para uma análise da população activa operária em Portugal", *Análise Social*, Nº 38.
- Vala, Jorge e Anália Torres (orgs.) (2007), *Contextos e Atitudes Sociais na Europa*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais
- Viegas, José Manuel Leite e António Firmino da Costa (orgs.) (1998), *Portugal, que Modernidade?*, Oeiras, Celta.